

Livro das Famílias

Conversando sobre a vida e sobre os filhos

Sociedade Brasileira de Pediatria

DIRETORIA

PRESIDENTE:

Dioclécio Campos Júnior

1º VICE - PRESIDENTE:

Nelson Augusto Rosário Fº

2º VICE – PRESIDENTE:

Fábio Ancona Lopez

SECRETÁRIO GERAL:

Eduardo da Silva Vaz

DIRETOR FINANCEIRO:

Mário José Ventura Marques

Fundação Oswaldo Cruz

PRESIDENTE:

Paulo Marchiori Buss

Instituto Fernandes Figueira

DIRETOR:

José Augusto Alves de Britto

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca

DIRETOR:

Antonio Ivo de Carvalho

Centro Latino – Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli

COORDENADOR CIENTÍFICO:

Maria Cecília de Souza Minayo

COORDENADOR EXECUTIVO:

Simone Gonçalves de Assis

Ministério da Saúde

MINISTRO:

Saraiva Felipe

Programa de Redução da morbimortalidade, por Acidentes e Violência na Infância e Adolescência.

Convênio Ministério da Saúde – Sociedade Brasileira de Pediatria

COORDENADOR:

Rachel Niskier Sanchez

Livro das Famílias

.....
Conversando sobre a vida e sobre os filhos

Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)

Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Centro Latino-Americano de Estudo de
Violência e Saúde – Jorge Careli (CLAVES)

Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP)

Instituto Fernandes Figueira (IFF)

Ministério da Saúde

Equipe de pesquisa e elaboração do texto

Kathie Njaine
Patrícia Constantino
Romeu Gomes
Simone Gonçalves de Assis (Organizadora)
Suely Ferreira Deslandes (Organizadora)

Equipe de pesquisa

Liana Ximenes
Renata Pires Pesce

Revisão técnica

Miriam Schenker
Olga Bastos
Rachel Niskier

Projeto Gráfico

Anjelica de Carvalho
Julie Pires
Rafael Adorján (assistente)

Ilustrações

Marcelo Ribeiro

Fotografias da capa

Anjelica de Carvalho / GPC Studio

362.8292

D4611 Deslandes, Suely Ferreira

Livro das famílias: conversando sobre a vida e sobre os filhos/ Simone Gonçalves de Assis; Romeu Gomes; Kathie Njaine; Patrícia Constantino. — Rio de Janeiro: Ministério da Saúde/Sociedade Brasileira de Pediatria, 2005.

80 p. : il.

Bibliografia.

ISBN 85-88520-02-8

1. Família. 2. Violência. 3. Infância. 4. Adolescência. I. Assis, Simone G. II. Gomes, Romeu. III. Njaine, Kathie. IV. Constantino, Patrícia. VI. Título.

Sumário

Apresentação	7
A dificuldade de ser mãe e pai	9
Superando a violência física	13
Lidando com a violência psicológica	25
Enfrentando a negligência	35
Lidando com a violência sexual	43
Violência no dia-a-dia de crianças e adolescentes com deficiência	53
Conversando a gente se entende	61
E se você precisar de ajuda?	71
Referências	78

Apresentação

Neste livro, queremos conversar alguns assuntos muito importantes com pais, mães e familiares responsáveis pela educação de crianças e adolescentes. Queremos ter uma conversa aberta e franca sobre as dificuldades de se educar os filhos.

Conversaremos também sobre os momentos difíceis em que a violência acontece no relacionamento familiar. Às vezes, percebemos essa violência e isso gera sofrimento e arrependimento, mas ela pode estar escondida ou ser vista como uma coisa normal. Falaremos ainda das maneiras de impor limites sem usar da violência. Vamos dar sugestões também sobre o que pode ser feito se os pais precisarem de ajuda para superar este problema da violência familiar.

Este livro foi feito de forma muito especial. Primeiro entrevistamos vários mães e pais que tinham experiências diferentes: pais de crianças e adolescentes com deficiências, pais de escolares de diferentes classes sociais e pais que enfrentam problemas de violência familiar. Colhemos várias histórias, depois criamos os exemplos que vão ser mostrados neste texto. Ouvimos opiniões

sobre como falar de certos assuntos e escutamos sugestões de como deveria ser o formato deste livro.

Quando o livro ficou pronto nós mostramos a outros pais, para ver como eles reagiam. Verificamos se eles estavam entendendo as nossas palavras. Novamente colhemos sugestões e fizemos alguns ajustes.

Agora o livro chega em suas mãos. Esperamos que ele ajude você a lidar com a educação de seus filhos e a buscar caminhos para viver com paz e amor, superando a linguagem da violência.

Se você se sentir à vontade, converse sobre ele com seus amigos e conhecidos, que podem precisar de um apoio nos momentos difíceis nas suas famílias.



Dedicamos este livro a todos aqueles que passam parte de suas vidas cuidando e criando crianças e adolescentes.

A dificuldade de ser mãe e pai

Hoje em dia enfrentamos muitas dificuldades para ser mãe ou pai. Nem sempre, educamos os nossos filhos como gostaríamos de educá-los e às vezes não temos condições para dar a eles o que é necessário para que cresçam de forma saudável. Muitos pais enfrentam sérias dificuldades financeiras. Conseguir uma boa escola e um bom atendimento por parte de profissionais de saúde também nem sempre é possível. Isso deixa muitos pais angustiados por acharem que não estão fazendo o melhor, quando na verdade são os seus direitos e os direitos de seus filhos que não estão sendo respeitados.

Além disso tudo, muitas vezes encontramos também dificuldades para nos relacionar bem com os nossos filhos. O relacionamento entre as pessoas, em geral, não é uma tarefa fácil. Uma das dificuldades é que, nem sempre, aceitamos as pessoas como elas são. Às vezes, tentamos fazer com que as pessoas sejam iguais a nós. Em se tratando dos filhos, parece que isso piora. Em determinados momentos, não só queremos que eles sejam iguais a nós, como também esperamos que eles sejam aquilo que gostaríamos de ter sido e não fomos.

Muitas vezes, nossas intenções são boas e tentamos obrigar que os filhos façam sempre o que queremos. E achamos que o melhor meio de conseguir isso é sermos rígidos. Mas isso nem sempre dá certo e costuma não ser o melhor para eles. Às vezes, nós mesmos não conseguimos agir da maneira que achamos que os outros devem agir. Outras vezes, o que é melhor para nós pode não ser melhor para os outros. Se pararmos um pouco para pensar, poderemos descobrir que nem sempre temos a solução para os problemas. A melhor solução muitas vezes surge no próprio relacionamento.

Não há uma maneira mágica para isso. Temos que aprender na própria convivência com os filhos. Só conseguimos uma boa relação quando tentamos compreendê-los. Compreendê-los é procurar ver como eles se sentem no dia-a-dia e o que pensam em relação à vida. Isso é possível quando nos abrimos para ouvi-los e enxergá-los, respeitando a maneira de ser de cada um deles.

É claro que, embora pensemos dessa maneira, isso não quer dizer que sempre conseguimos por em prática aquilo que achamos ser certo. A vida nos traz muitos aborrecimentos e nem sempre temos paciência para conversar com os nossos filhos. Os problemas vão nos deixando nervosos e esquecemos que o carinho e o diálogo podem ajudar para que haja um bom entendimento. Mas, mesmo tendo dificuldade de colocar isso na prática, se acreditamos nisso já é um caminho para conseguirmos algum sucesso.



O medo que temos do futuro também torna a nossa tarefa de ser mãe ou pai cada vez mais difícil. Temos medo que os nossos filhos andem em más companhias. Tememos que eles não arranjam um emprego para que possam se sustentar. Nos preocupamos deles ficarem doentes. Temos pavor que a vida deles fiquem em risco a ponto de ocorrer uma desgraça. Enfim, temos medo de que eles não sejam felizes. Esses medos existem e nem sempre podemos fazer alguma coisa para que isso tudo não aconteça. Às vezes, vivemos num ambiente violento e ficamos impotentes para re-

solver os problemas. Nós não podemos viver a vida pelos filhos. O importante é prepará-los para que eles possam enfrentar o futuro, procurando fazer o que está ao nosso alcance.

A tarefa de criar e educar os filhos pode ficar ainda mais difícil quando a pessoa tem que ser mãe e pai ao mesmo tempo. Na ausência de um companheiro ou companheira que nos ajude a dividir a tarefa, as coisas ficam mais difíceis.

Junto com essas dificuldades, há filhos que são doentes ou possuem deficiências a ponto de necessitarem de cuidados especiais. Nesses casos, a tarefa de ser mãe e de ser pai fica bem mais pesada. É preciso buscar uma força muito grande dentro de nós para enfrentar essa situação. Buscar a ajuda de outras pessoas pode contribuir muito para que possamos educá-los de acordo com as necessidades deles.

Precisamos de parentes, amigos, vizinhos, profissionais de saúde e profissionais da educação, entre tantas outras pessoas. Buscando ajuda para cuidar dos nossos filhos, estamos cuidando de nós mesmos também. E isso é importante.



Superando a violência Física

Eu era casada e tinha dois filhos, um de sete e outro de nove anos. Trabalhava fora para ajudar nas despesas. A gente levava uma vida apertada, mas ia dando um jeito, ia levando. De repente tudo virou. Meu marido deu de chegar tarde, com bafo de cerveja. Inventava sempre uma desculpa nova, então nossas brigas começaram. Não tinha um dia sem discussão, sem gritaria, sem ofensas. Depois de quase seis meses nesse inferno, um belo dia ele foi embora. Na verdade já tinha outra, com filho e tudo. Aí eu fiquei sozinha para cuidar dos meninos. Só eu e Deus. Era tudo comigo. Levar e apanhar na escola, levar no médico. Sem contar as despesas, né? Tudo eu. Minha família não podia me ajudar porque morava longe, no Norte. Fui ficando muito nervosa. Eu pensava: e se eu cair doente? Aí meus nervos foram ficando abalados. Qualquer coisa que meus filhos faziam eu perdia a paciência. Passei a gritar muito com eles e quase sempre eu acabava batendo mesmo. Eu mesma apanhei muito do meu pai quando era pequena. Primeiro eu batia assim, nos braços, no bumbum. Parecia que nada resolvia, eles iam ficando mais levados ainda. Passaram a me

responder, a mentir, a me desobedecer e mais eu batia. Eu achava que tinha que bater pra corrigir eles, pra eles me respeitarem. Os garotos brigavam entre eles e o mais velho batia no pequeno. Aí começaram a dar problema na escola. Num dia, esse mais velho chegou com uma lapiseira bonita em casa. Botei ele contra a parede e ele confessou que tinha pegado escondido de um colega. Ele roubou, né? Naquele dia eu bati tanto, tanto... Foi com chinelo, pau, vassoura. Minha vontade era de acabar com a raça dele. Quando eu parei, aí eu vi que ele tava meio mole, com os olhos revirando. Então ele caiu, desmaiou mesmo. Aí eu me dei conta do que eu tinha feito. Me deu um arrependimento por dentro, sabe? Falei: pronto, matei o meu próprio filho. Depois desse dia eu percebi que quem tava precisando de ajuda era eu mesma. Até fui no posto procurar uma psicóloga. Eu tava precisando conversar, desabafar, me aconselhar com alguém, senão eu ia explodir. Ela conversou muito comigo, me escutou. Conversando com ela e com o pessoal do Conselho Tutelar, aquele pessoal dos direitos das crianças, eu fui vendo que os garotos não podiam levar a culpa de tudo que tinha acontecido comigo. Fui percebendo que era uma bola de neve, quanto mais eu batia, mais eles me desobedeciam, e mais eu batia. Onde isso ia parar? Na verdade, eu tinha que arrumar um outro jeito de educar os meus filhos. Que eu tinha que

ser amiga deles para eles serem meus amigos também. Não queria que eles sentissem raiva de mim, como eu senti por tantos anos do meu pai. Hoje as coisas estão melhores. Corri atrás da pensão dos meninos. Continuo trabalhando, com o dinheiro apertado. Mas eu escrevi para minha irmã mais nova e ela veio morar comigo. Então eu tenho uma ajuda dela. Hoje eu converso mais com os garotos, explico porque eles não podem fazer certas coisas, que eles precisam me ajudar também. Eles estão mais amorosos, sabe. De vez em quando aprontam, é coisa de criança mesmo, né? Mas eu não bato mais não.

Diana

A história de Diana nos conta das dificuldades de uma mãe em cuidar sozinha de dois filhos. Primeiro o trauma de ter sido abandonada pelo marido, da raiva que sentiu. O desespero em se ver só e com tantas responsabilidades. Estar longe dos parentes, com a sensação de não ter com quem contar. Além disso tudo, ainda enfrentava dificuldades econômicas.

Traummas e desilusões, isolamento e falta de apoio, dificuldades financeiras, são situações que podem estar presentes na vida de muitas pessoas. Quando tudo isso acontece junto, pode ser um

sério risco para a pessoa “perder o controle” no relacionamento com os filhos, apelando muitas vezes para os castigos físicos e até mesmo surras e espancamentos.

Como a Diana conta, é muito difícil superar sozinho tantos problemas. É preciso saber pedir ajuda. Alguém, que possa apoiar, ajudar a encarar os problemas de outro jeito e até mesmo dividir tarefas. Foi o que a Diana fez, procurou o apoio de uma profissional, uma psicóloga, que a ajudou a ver o que estava acontecendo e a aprender maneiras de fazer diferente. Ela também escreveu e pediu a ajuda da irmã. Diana se deu conta que os problemas podem deixar as pessoas sem conseguir ver uma saída, uma alternativa. E que ninguém é super-homem ou super-mulher. Precisamos do apoio de outras pessoas.

Mas, além das fases muito difíceis na vida, os problemas e a dificuldade do dia-dia às vezes nos tiram a paciência. Quem é pai e mãe sabe que, mesmo sem a intenção, acabamos descontando nossos problemas, o estresse do dia-a-dia nos filhos. É um grito, uma palmada, um tapa e de pouco a pouco isso vai virando uma rotina.

Como mostra a história da Diana, os filhos que apanham dos pais podem desenvolver comportamentos agressivos e até passar a cometer alguns delitos. Pesquisas científicas mostram que as crianças e os adolescentes que sofrem agressão física na sua

família têm mais chances de apresentar problemas de comportamento na escola. Alguns ficam agressivos, outros, ao contrário, já não conseguem reagir a nenhuma agressão que alguém venha a cometer contra eles. Assim, eles podem ficar mais violentos ou tão indefesos que acabam sendo alvo fácil de outras agressões. E esse tipo de reação pode durar por toda vida, até mesmo quando se tornarem adultos. Crianças e adolescentes que apanham costumam mentir mais, escondendo seus erros porque sentem medo de serem castigados fisicamente. Outros, querendo escapar da violência da família, fogem de casa, ficando expostos a adultos sem escrúpulos e a tantos perigos. Como num círculo vicioso, violência gera violência.

Na verdade, filhos que sofrem agressões físicas aprendem a se comunicar pela violência. Quando eles têm seu corpo agredido dessa forma, também se sentem machucados na alma. Eles se sentem pouco amados. Aprendem que as coisas se resolvem na força bruta. Como conta Diana, seus filhos ficaram mais rebeldes e os conflitos normais entre irmãos passaram a ser bem violentos.

É bom lembrar que o castigo físico era visto como uma coisa bem comum e ainda é entendido desta maneira por muitos pais. Muitos de nós fomos educados assim. Até os professores usavam palmatórias, beliscões, puxões de orelhas para “ensinar”. E isso



parecia correto, como se fosse um direito dos professores e, mais ainda, dos pais de educar seus filhos, de ensinar o caminho correto.

Como a Diana mesmo fala, ela também apanhou muito do pai. E quais foram as conseqüências disso? Primeiro, muita raiva e mágoa desse pai. Segundo, não saber fazer diferente com seus filhos. Claro, que nem sempre as pessoas que foram vítimas de agressões físicas quando crianças vão repetir a dose. A própria Diana mudou o tratamento com os seus meninos. Mas, muitas pessoas que sofrem violência na infância vão ter dificuldades em ter um relacionamento de respeito aos filhos, de saber impor

limites sem bater, de resolver os problemas pelo diálogo. Afinal, os pais servem de modelo de comportamento para seus filhos.

Ainda hoje, muitos pais nem percebem que estão cometendo uma violência ao bater nos seus filhos. Muitos pensam que só é violência mesmo se for uma surra, de bater tanto como a Diana fez, levando ao desmaio do menino.

Qualquer agressão física é uma violência, mesmo uma palmada, um tapa. Quando um pai bate passa várias mensagens para seus filhos . Que mensagens? Que o que vale é a lei do mais forte, que o pai e a mãe devem ser respeitados pelo medo que provocam por serem mais velhos e mais fortes. Ensinam ainda os filhos a alimentarem o ódio ou a se sentirem culpados, vendo a si próprios como maus ou merecedores de punições. Quem já não ouviu alguém dizer que apanhava muito na infância porque merecia? A palmada, a pancada, passam a significar para a criança ou adolescente que ele já pagou o que devia por ter feito algo errado, ao invés de levar a refletir sobre o seu erro. Eles aprendem o que não podem fazer, mas não estão sendo realmente orientados sobre porque é errado aquilo que eles fizeram e quais as conseqüências dos seus atos.

Antigamente, os pais tinham poder de vida e morte sobre os filhos e ninguém podia se meter. Hoje não é mais assim. A própria Consti-

tuição, que é a lei mais importante do País, e o Estatuto da Criança e do Adolescente, que é a lei que protege as crianças e os adolescentes, garantem seus direitos. São seres humanos em desenvolvimento. Eles têm o direito à vida, à saúde, à alimentação, a serem atendidas com prioridade, de viverem a salvo de negligência, discriminação, exploração, opressão e violência. Por isso a Diana nos conta que ela passou a ser acompanhada por um Conselho Tutelar, que é um órgão que cuida para que esses direitos sejam cumpridos. Ela estava violando os direitos de seus filhos e esses profissionais ajudaram a Diana a ver esta situação e modificar o relacionamento familiar.

Mas, como mostra a história da Diana, as coisas podem ser diferentes. As crianças e adolescentes reagem bem quando são tratadas com respeito e carinho. Cada criança, mesmo quando pequena, passa também a aprender, a respeitar e a ser carinhosa. Ela aprende, pouco a pouco, a dividir e ter responsabilidades. Quando alguém da família muda o seu comportamento, tornando-se mais compreensivo e amoroso, as pessoas reagem àquela mudança. Os filhos da Diana também passaram a ser menos violentos entre si e mais amáveis com a mãe.



Como reconhecer quando uma criança ou um adolescente está sofrendo violência física?

Costuma-se chamar este tipo de violência como *abuso físico*, que é toda ação feita intencionalmente pelos pais ou pessoas que cuidam da criança e do adolescente e que possa causar qualquer dano físico a eles.

Em outras palavras, neste abuso ocorre a intenção de machucar, punir, provocar dor. Estamos falando de qualquer dano, de um tapa até verdadeiras torturas, como queimá-los, quebrar seus ossos, chutá-los, empurrá-los contra a parede, bater neles com qualquer objeto, entre tantas outras maneiras de machucar. Isso pode acontecer uma vez só ou ser uma rotina. A faixa de idade em que isso mais ocorre é entre bebês de meses a crianças de 5 anos, mas o abuso físico pode ser praticado contra crianças de qualquer idade, até adolescentes.

Os bebês podem ser alvo da violência física dos pais, que ficam estressados com o seu choro, com o trabalho de ter de acordar de madrugada para dar de mamar, trocar fraldas, dar banho. Podem ser sacudidos violentamente e isso causar até danos cerebrais. Podem levar tapas e beliscões e muitos são jogados violentamente no berço ou na cama.

As crianças que aprenderam a andar começam a explorar o mundo a sua volta. Gostam de mexer nas coisas, colocar na boca objetos. Elas não sabem reconhecer perigos e não conseguem entender

porque estão apanhando. Já as crianças um pouco mais velhas, de 3 a 5 anos, têm a habilidade de andar e correr. Querem conhecer mais e mais. Começam a experimentar os limites de autoridade também. Estão aprendendo a reconhecer a diferença entre o que podem e o que não podem fazer. Muitos pais batem constantemente nestas crianças porque elas não obedecem a suas ordens.

As crianças mais velhas e os adolescentes podem ser alvo da agressividade dos pais por variados motivos. Pais que batem, geralmente dizem que seus filhos são preguiçosos, bagunceiros, que não querem estudar, que brigam com os irmãos. Ao invés de conversarem, explicando a importância deles ajudarem nas tarefas da casa, de cuidarem dos estudos, de serem amigos dos irmãos, os pais gritam, batem e chamam os filhos de “imprestáveis” ou coisas desse tipo. Estas atitudes fazem os filhos acreditarem que eles são realmente preguiçosos, bagunceiros ou maus. Eles acabam por não ter forças para se comportar de forma diferente porque não acreditam em si, afinal, as pessoas que são as mais importantes de sua convivência disseram isso. Então, passam a repetir o mesmo comportamento.

Em outras famílias, o pai ou a mãe pode ter problemas de alcoolismo ou de uso de outras drogas. Nestes casos, a violência pode ser muito comum entre os membros da família.

Alguns comportamentos podem ser um sinal que uma criança ou adolescente está sofrendo violência física: ter medo dos pais ou de

outras pessoas ou tentar evitar ficar perto deles. Podem ficar muito agressivos, muito inquietos, ou podem desenvolver uma grande timidez, serem retraídos, tristonhos e não gostarem de si. Podem apresentar problemas de aprendizagem e de convivência com outras pessoas da sua idade. Quando perguntados sobre marcas ou feridas em seu corpo, podem ficar nervosos e contar histórias que não fazem muito sentido para explicar aquele tipo de machucado.

Numa forma de violência mais incomum, alguns pais falsificam sinais de que o filho está doente e aí forçam que ele seja atendido num serviço de saúde. A criança ou adolescente não tem problema nenhum, mas eles convencem o médico, contando um monte de dores e sintomas inventados. Então os médicos começam a fazer exames e até mesmo podem fazer uma cirurgia para descobrir o problema, que na realidade nem existe. Esses pais podem ainda dar remédios sem necessidade para seus filhos, pensando que estão ajudando ou curando a doença por eles imaginada. Pais com um sentimento de proteção assim tão exagerado, precisam pedir ajuda para si próprios.

Se você conhecer alguma situação dessas e achar que é possível tentar ajudar aos pais a pensar melhor sobre estes atos, você estará ajudando a esta família. Também é preciso notificar a situação a um Conselho Tutelar para proteger a criança e o adolescente e dar aos pais a chance de serem apoiados por profissionais.

Lidando com a violência psicológica

Querida amiga,

Estou escrevendo pra desabafar com você os momentos difíceis que tenho passado. Sei que você vai me entender, afinal tem mais experiência que eu em criar filhos. Não sei mais o que fazer com os meninos, que não se entendem. Cada dia fica pior.

O Marcos está indo super bem na escola, me ajuda em casa, tem um monte de amigos e está cada dia mais bonito. O João, como você sabe, é igualzinho ao pai. Faço tudo por ele e ele não reconhece, é mal agradecido, relaxado e tem a maior má vontade pra ajudar a fazer qualquer coisinha aqui em casa. Os meninos mal se falam e toda hora eu tenho que intervir pra apartar briga. Aí é que a coisa piora, porque o João diz que eu sempre defendo o Marcos. Isso não é verdade! Mas é que é mais fácil pra mim conversar e ajudar o Marcos. O João me trata como o pai dele fazia e isso me dá raiva. Ainda por cima ele é muito preguiçoso, mal-educado e mentiroso. Quando ele me tira do sério, eu não agüento e digo tudo isso pra ele.

O que eu faço? Eu amo meus dois filhos do mesmo jeito, mas não consigo tratar os dois da mesma forma. Gostaria que você morasse aqui perto de mim, pra ter alguém com quem conversar. Me sinto tão sozinha...

Beijos, Rafaela.

O desabafo de Rafaela com sua amiga mostra como é difícil amar nossos filhos e tratá-los da mesma forma, pois cada um tem um jeito diferente de ser. Por outro lado, mostra como muitas vezes os pais enxergam nos filhos características negativas de algum parente, achando que eles são uma cópia igualzinha desta outra pessoa. Esta é uma das formas de violência psicológica mais comum.

Mas a violência psicológica acontece de muitos outros jeitos: *são agressões verbais ou através de gestos, visando colocar muito medo, rejeitar, humilhar, tirar a liberdade ou ainda isolar a criança ou adolescente do convívio social.*

Freqüentemente acontece de um pai ou uma mãe *rejeitar* um filho. Isso muitas vezes acontece sem que eles tenham consciência disso, como fez Maria, que vê no João a cópia do ex-marido que a fez sofrer muito. A evidente comparação entre os filhos é uma forma

de aceitação de um e rejeição ao outro, mesmo que esta mãe ame muito os dois filhos. Algumas vezes a rejeição é inconsciente, mas em outras ela é claramente notada pelos pais. Uma das ocasiões em que a rejeição é comum é quando o casal se separa: alguns pais deixam os filhos vivendo com as mães após a separação e largam eles à medida que se casam novamente e têm outros filhos.

Outra forma comum de violência psicológica é *isolar* os filhos, impedindo o contato deles com colegas ou com familiares. Alguns pais agem assim pensando que estão fazendo o bem para eles, protegendo-os da maldade que há no mundo. Mas, se esse jeito de educar se mantiver por muitos anos, os filhos não criam um sentimento de confiança nos outros, não aprendem a ser solidários e nem se tornam pessoas capazes de ajudar e de ser ajudados pelos outros.

Ignorar as necessidades dos filhos também é um tipo de violência psicológica. Acontece quando os pais não os estimulam, nem assumem completamente a responsabilidade que têm no seu crescimento emocional e no desenvolvimento intelectual. Há pais que deixam seus filhos para os outros cuidarem e não acompanham como eles estão se desenvolvendo. Não sabem se eles estão se alimentando direito, dormindo bem, como estão indo na escola e de que forma se relacionam com os amigos. Não conseguem tempo para essas coisas, na loucura de correr atrás



do sustento da família. Com o passar do tempo, a criança ou o adolescente se sente solitário e pode não acreditar que merece ser cuidado e querido.

Alguns pais praticam violência psicológica ao *terrorizar* os filhos. Em muitas famílias a educação se dá num clima de medo; há pais que amedrontam tanto os filhos, passando para eles uma forma assustada, agressiva e insegura de ver a vida. Há outro tipo de pais que humilha seus filhos, reforçando os defeitos que acham que eles têm. Eles falam, por exemplo, que o filho é burro e é fingido, ao invés de falar que cometeram *algum* erro ou que mentiram em

determinada situação. Esta pequena troca de palavras transforma alguns acontecimentos em que os filhos falham, em uma maneira de ser definitiva. No final das contas, o filho aprende que ele não *cometeu* um erro, mas aprende que *ele é um erro!*

Cobrar excessivamente dos filhos também pode ser uma outra forma de praticar violência psicológica. Como exemplo extremo tem-se aqueles pais que exigem de uma criança muito pequena que não suje mais a fralda, coisa impossível nesse estágio da vida. Esta criança fica dividida entre seu desejo de agradar aos pais e sua incapacidade de entender o que se espera dela e controlar seu organismo. Outros pais exigem que seus filhos sejam os melhores em tudo, deixando de ver as limitações que cada um tem. Para se saber o limite certo que se pode cobrar de cada filho, é preciso observá-lo no dia a dia, reforçar suas qualidades e saber apoiá-lo na superação das suas limitações. Afinal, todos temos pontos positivos e negativos e não adianta exagerar na cobrança, pois não é através do medo que a criança aprende e, sim, através da confiança que cada filho estabelece no mundo e em si mesmo.

Essa exigência excessiva é mais freqüente nas famílias em que os pais não conhecem direito as fases do desenvolvimento da criança e do adolescente. Podem também ter expectativas exageradas sobre os filhos e maltratá-los quando falham em responder o que se espera deles. Ou então, podem não compreender que é

importante acompanha-los e ensina-los sempre, para que obtenham os resultados que desejam alcançar.

Uma última forma de violência psicológica é quando os pais *corrompem* seus filhos, estimulando-os a praticarem comportamentos pouco adequados para a idade em que eles estão e que não estão de acordo com o que a sociedade espera de crianças e adolescentes. São crianças e adolescentes que adotam atitudes impróprias para a vida social com o incentivo dos pais. Muitos exemplos poderiam ser dados e num extremo estão aquelas que são encaminhadas pelos próprios pais para a prostituição. No outro lado, está a idéia fixa de alguns pais para que seus filhos se tornem celebridades, que ganhem dinheiro como modelo, atriz, mesmo que isto signifique uma queda do rendimento escolar.

A violência psicológica é o tipo de violência mais comum nas famílias. Estudos com adolescentes mostram que quase a metade deles já sofreu violência psicológica de pessoas que consideram significativas em suas vidas. São crianças e adolescentes ricos ou pobres que vivenciam cotidianamente um clima emocional tenso em seus lares, onde são humilhados, criticados, desvalorizados ou cobrados excessivamente. Nesses lares o diálogo entre pais e filhos é pouco.

A violência psicológica que atinge as crianças e os adolescentes é tão comum porque essa forma de se relacionar é utilizada

freqüentemente por várias pessoas da família. Geralmente os filhos sofrem este tipo de abuso da mesma forma que seus pais vivenciaram na infância deles. Para estes pais, fica difícil se relacionarem de forma diferente com seus próprios filhos. Por isso, é comum que a violência psicológica se prolongue durante muitas gerações dessas famílias, com seus membros não se respeitando entre si e evitando a todo custo o contato com o mundo exterior, a exemplo da escola e dos serviços de saúde. Os conflitos entre pais costumam aumentar nas situações de estresse intenso, momentos em que a violência psicológica pode atingir um grau insuportável para todos na família. À medida que os pais dão respostas destrutivas às necessidades dos filhos, praticam o abuso psicológico e estimulam o aprendizado dessa forma de relacionamento.

A criança ou adolescente que sofre violência psicológica pode ficar com uma visão distorcida de si mesmo. Cada filho se *constroi* através das imagens e opiniões que os pais e os outros parentes fazem dele e que desde cedo são incorporadas a sua forma de ser. Isto quer dizer que as experiências vividas por cada filho são únicas, e servem de molde para as opiniões que ele irá formando sobre si mesmo e sobre os valores que as pessoas atribuem a ele. Quando cresce marcado por críticas excessivas e humilhações, é muito provável que se torne adolescente com

uma opinião negativa sobre si próprio. Sentir-se diminuído e desencorajado fere profundamente as crianças e os adolescentes. Ser chamado de estúpido, burro ou preguiçoso pode deixar marcas que são levadas para toda a vida.

Além da auto-estima, a competência e a capacidade da criança e do adolescente estabelecerem relações com as pessoas fica abalada se eles são vítimas constante deste tipo de abuso. Mais preocupante ainda é o fato que o abuso psicológico costuma estar associado à outras formas de violência. Crianças e adolescentes que vivenciam este tipo de abuso são mais vítimas de violência na comunidade e na escola, repetindo um ciclo de violência.

Não é fácil viver sem que a violência psicológica nos atinja. Nós, adultos, constantemente somos humilhados e depreciados no nosso trabalho, na escola e mesmo pelos nossos amigos. A gente também se acostuma a tratar os outros da mesma forma, às vezes até “na brincadeira”, sem perceber que isto pode atingir fundo o outro, especialmente nos primeiros anos da vida, quando se é mais frágil e flexível para aprender. É bom lembrar que é sempre possível mudar nossa forma de se relacionar com os outros. É sempre possível falar sobre nossos problemas e tentar resolver os impasses familiares em conjunto. Mas, isso só acontece quando a gente percebe que nossas palavras e gestos podem afetar muito os outros.

Como reconhecer que uma criança ou um adolescente está sendo vítima de violência psicológica?

Um dos primeiros passos é perceber o ambiente em que eles estão sendo criados e como se relacionam com as pessoas ao seu redor. É sempre bom lembrar que a violência psicológica se alimenta de uma relação de desrespeito entre pessoas que se gostam.

O resultado mais comumente encontrado é o de uma criança ou adolescente que se sente inseguro consigo próprio: com seu corpo, sua inteligência, sua capacidade de ser amado pelos outros. Essas coisas são muito facilmente destruídas pela violência psicológica.

Como consequência dessa insegurança, duas reações costumam ocorrer: guardar tudo para dentro, sofrendo muito ou colocar para fora as coisas de forma bem agressiva. Nossos filhos nem sempre conseguem encontrar equilíbrio, eles só aprendem isso ao longo da vida. Crianças e adolescentes com essas reações extremas precisam ser observadas e, quando necessário, buscar ajuda de outras pessoas.

Se ocorrer um abuso psicológico como a corrupção, outros tipos de efeitos podem ser encontrados. Um exemplo é quando se percebe uma criança ou adolescente que aprende alguns valores que a sociedade rejeita, como achar correto pegar dinheiro dos outros ou achar certo ganhar a vida usando o próprio corpo. Não apenas eles, mas suas famílias precisam ser ajudadas.

Enfrentando a negligência

Professora Lucinha,

Estou escrevendo este bilhete porque li seu recado na caderneta do meu filho Paulinho, avisando a gente que ele está faltando muito às aulas. Sinceramente não sabia que isso estava acontecendo. Como pai fiquei envergonhado de saber que meu filho anda mentindo sobre uma coisa tão séria. A mãe dele não tem coragem nem de falar com a senhora. Como saio muito cedo para a minha oficina e minha mulher para o salão dela, muitas vezes a gente nem vê o Paulinho durante o dia. O Paulinho também quase não tem falado com a gente, mas a senhora sabe como é adolescente... Ele nunca deu trabalho para nós, mas agora anda rebelde e a gente chega a perder a paciência com ele. Mas a gente vai ter uma conversa séria com ele e ficar de olho firme para ver se ele anda matando aula.

Desculpe aí a chateação e obrigado por avisar a gente.

Pedro

É

muito comum hoje em dia os pais não terem tempo para acompanhar o dia a dia dos filhos na escola. A maioria trabalha e a correria da vida para ganhar dinheiro, cuidar da casa e dos filhos acaba prejudicando essa tarefa. Mas precisamos lembrar que é importante saber como os filhos andam na escola, se estão freqüentando as aulas, se precisam de ajuda nos deveres, como se relacionam com os colegas e professores. Deixar o “barco correr solto”, como se diz por aí, e descuidar desse lado da vida dos filhos pode ser uma forma de sermos negligentes com eles.

Algumas famílias, que nunca acompanham a rotina escolar dos filhos, às vezes também cometem outras violências que prejudicam ainda mais a vida de crianças e adolescentes. Por exemplo, é considerado uma negligência quando os pais deixam de cuidar da higiene, de dar alimentação, de levar para tomar as vacinas, de cuidar da segurança, de colocar a roupa certa para cada tipo de clima, de dar um lazer para seus filhos.

Abandonar uma criança ou adolescente, deixando ela viver por conta própria é a forma mais grave de negligência que se pode cometer. Pais, mães e responsáveis podem ser intimados pela Justiça por abandonarem seus filhos.



Mas nem sempre a família é a responsável por essas formas de negligência. Além da família, o governo e a sociedade também devem cumprir sua parte no cuidado das crianças e adolescentes. Um exemplo que podemos ver quase todo dia é a falta de escola, problema que muitos governantes não cuidam, mesmo sendo sua obrigação. Outro exemplo que é sempre denunciado é o estado de conservação de alguns lugares que abrigam crianças e adolescentes.

Na verdade a responsabilidade é de todos, embora a família tenha a responsabilidade direta no dia-a-dia. Mas muitas famílias não vêm recebendo o apoio necessário do governo e da sociedade para cuidar dos filhos. Às vezes as dificuldades financeiras são tantas que muitos pais e mães não sabem nem a quem recorrer e falham na atenção e cuidado necessários a eles. Isso não quer dizer que a gente pode usar a pobreza como desculpa para a falta de cuidados de crianças e adolescentes. Muitas famílias pobres, apesar dos problemas que enfrentam, não deixam de supervisionar os filhos, procuram enfrentar as dificuldades sem maltratá-los e costumam ir às escolas buscá-los, acompanhá-los no jogo de futebol e em outras atividades, mesmo quando o tempo é pouco. Realizar essas tarefas não é uma carga a mais para muitos pais, porque faz parte da rotina de criar os filhos.

No bilhete de Pedro, pai de Paulinho, a gente pode notar que ele ficou preocupado com as ausências dele às aulas. Infelizmente nem sempre isso acontece, porque alguns pais pouco se interessam pelos problemas dos filhos e a situação continua na mesma ou até pior. Isso não parece ser o caso dos pais do Paulinho que sentiram até vergonha por terem agido de forma negligente em algum momento.

Pedro, o pai, mostrou que como qualquer um, ele e sua esposa podem falhar na educação dos filhos. Afinal, faz parte da vida errar e acertar. Mas os pais de Paulinho têm intenção de conversar com o filho e acompanhar mais de perto sua educação. Esse tipo de atenção que recebemos dos pais às vezes é algo tão poderoso, que mesmo quando já somos adultos, costumamos lembrar até das broncas com carinho. Quando a gente recebe cuidado e afeto dos nossos pais, também costumamos passar para os nossos filhos essa maneira de cuidar.

Aliás, é bom lembrarmos que toda família tem problemas, sejam financeiros, emocionais ou mesmo por falta de compreensão entre seus membros, o que provoca vários tipos de conflitos. E também, que nem sempre família é sinônimo de união como sonhamos.

Mas os problemas e as desarmonias não podem ser motivos para que os pais descuidem por longo tempo das necessidades básicas dos filhos ou cometam outras violências contra eles. Quando isso acontece, essas atitudes precisam ser enfrentadas de frente pela família. Conversar, refletir são atos de coragem para tentar superar essas situações.

Trocar idéias com nossos filhos, ouvi-los, aprender com eles e ficar sempre por dentro do que anda acontecendo é uma boa

maneira de acompanhá-los. Mas não vamos nos esquecer que devemos ser honestos e tentar falar de forma direta, sem espiar a vida deles, principalmente a dos adolescentes, que detestam ver sua privacidade invadida.

O importante é aprender sempre como nos fazer presentes na vida dos filhos, ajudá-los em suas necessidades sem impedir que cresçam saudáveis e se tornem adultos independentes.



Como reconhecer que uma criança ou um adolescente está sendo negligenciado?

Podemos perceber que crianças ou adolescentes estão sofrendo negligência quando têm uma aparência física descuidada, vivem cansados, têm problemas de crescimento sem uma doença que justifique, têm problemas de comportamento, faltam muito às aulas e às consultas médicas sem uma razão aparente. As famílias deles geralmente não se importam muito com a sua aparência ou com os seus problemas de comportamento. Também se mostram relaxadas com a higiene em geral, apáticas e despreocupadas com as necessidades de seus filhos.

Para que se confirme a negligência *nessas famílias, precisamos ter certeza de que elas não se interessam em prestar os cuidados básicos necessários para que uma criança ou adolescente cresça saudável e com segurança. Também temos que perceber que os comportamentos negligentes são continuados, e não atitudes que acontecem uma vez ou outra.*

Lidando com a violência sexual

Zezé,

Estou arrasada com o que aconteceu aqui em casa, não sei nem como te contar isso. Você lembra do meu irmão Álvaro? Pois ele andou tentando agarrar a minha Talita. Como você sabe, ele estava aqui em casa porque não tinha onde ficar. Pois ele foi capaz de abusar da própria sobrinha. E você sabe da minha luta, eu sou viúva, trabalho fora. E a minha menina só tem 9 anos. Acho que ele se aproveitou disso, de eu ficar fora e não ter um homem dentro de casa.

Semana retrasada a Talita, muito envergonhada, falou que o tio tentou passar a mão nela. A primeira vez que eu fui falar com ele, ele me disse que só estava fazendo um carinho na menina, que ele tinha pena dela porque ela não tinha pai. Eu falei com ele que não queria esse tipo de coisa com a menina, mas achei que ela estava fazendo fantasia na cabeça dela.

Ontem, quando cheguei em casa, a minha sogra, a Dona Miloca, me contou que o Álvaro chamou a Talita para ir ao quarto dele

porque ele queria mostrar um radinho pra ela. Quando ela chegou lá, ele começou a se engraçar pra ela. Passou a mão nela, querendo tirar a calcinha da menina e mostrando o órgão sexual. Sorte que a Talita começou a chorar e a Dona Miloca ouviu. Bem, aí foi aquela confusão.

Dona Miloca botou ele pra fora da nossa casa. Eu estou chocada com tudo isso, com muito ódio dele e meio tonta com essa coisa toda. Ele não teve relação sexual com a menina, mas foi uma bruta violência.

Outra hora eu escrevo mais pra você.

Um beijo da Dora

Pela carta da Dora, podemos perceber como um abuso sexual cometido contra uma criança ou um adolescente pode nos deixar revoltados. Quando falamos neste tipo de abuso, estamos pensando num *ato praticado por alguém que usa a criança ou o adolescente para satisfazer o seu prazer sexual.*

O tio de Talita não conseguiu ter relações sexuais com ela. Mas isso não quer dizer que não houve abuso sexual. O abuso sexual não é só manter relações sexuais através da força física. Há várias formas

de abuso sexual. O fato de alguém exibir o seu órgão sexual para a criança ou o adolescente, como foi o caso desse tio, já é um abuso sexual. Alisar, tocar partes íntimas das crianças e dos adolescentes e mostrar fotografias ou filmes pornográficos também são exemplos desse ato violento.

A Talita, por causa da sua idade, entendeu o que estava acontecendo e, através do choro, conseguiu chamar a atenção da avó. Mas nem sempre isso ocorre. Há crianças que não compreendem isso e podem aparentemente participar do abuso como se fosse uma brincadeira, sem ter a noção de que isso pode trazer problemas sérios para elas.

Outras vezes, a criança ou o adolescente, por não entender muito do assunto e por gostar da pessoa que está abusando dela, pode misturar os seus sentimentos e acabar cedendo aos desejos do agressor. Pode também ocorrer que o adulto ou qualquer pessoa mais velha do que a vítima consiga abusar sexualmente através de presentes oferecidos à criança ou ao adolescente ou fazendo chantagens e ameaças.

Quando o fato ocorre com um adolescente, e há consentimento por parte deste em participar da satisfação sexual de alguém bem mais velho do que ele, costuma-se pensar que não houve abuso sexual. O adolescente pode ter consentido e até gostado de satis-

fazer desejos sexuais desse adulto, mas assim mesmo o ato não deixa de ser um abuso sexual. Um adolescente ainda está em fase de crescimento e ainda não tem uma maturidade de um adulto e por isso pode não ter consciência das conseqüências desse ato.

Costuma também ocorrer o fato de crianças e adolescentes serem expostas sem roupa ou em posições eróticas, através de fotografias ou filmes, para pessoas sentirem prazer. Às vezes os pais permitem que isso ocorra por necessidades financeiras ou por desejo de obter lucro através do uso de seus filhos. Isso é mais uma forma de abuso sexual contra criança e adolescente.

As meninas costumam ser as vítimas mais comuns do abuso sexual. Mas também há casos de meninos que são sexualmente abusados. Pelo fato de vivermos numa sociedade em que se valoriza o poder do adulto sobre a criança e o adolescente, muitas das vezes, uma pessoa pode se achar no direito de usá-los, seja uma menina ou um menino, para satisfazer os seus desejos sexuais. Quando o agressor é um homem e abusa sexualmente de uma menina, ele pode não só estar usando o seu poder de adulto contra ela, como também pode achar que tem o direito de usar a mulher, seja ela menina ou não, para o seu prazer sexual.

O abuso sexual pode trazer conseqüências graves para as vítimas. Aqueles que são abusados podem ser agredidos física-

mente, ter sofrimentos psicológicos, não ter mais vontade de viver, ficar doentes e até morrer por causa dessa violência. Por outro lado, não podemos esquecer que uma criança ou um adolescente, mesmo sofrendo com o abuso sexual, pode também superar o problema. Para isso é importante que seja ajudado por um adulto da família, da comunidade ou por profissionais.

Talita foi abusada pelo próprio tio. Isso mostra que o abuso sexual pode acontecer dentro da nossa própria casa. O agressor nem sempre é uma pessoa desconhecida. É muito comum o agressor ser uma pessoa em quem as crianças e os adolescentes confiam, como familiares, amigos íntimos ou conhecidos.

Muitas vezes, quando a pessoa que abusa é alguém da própria família, como o pai, o padrasto ou um namorado da mãe, a família costuma ficar em silêncio, preferindo acreditar que nada está acontecendo. Também é comum não acreditar na criança ou no adolescente, achando que eles estão inventando (como a mãe de Talita pensou) ou achar que o fato ocorre por culpa deles próprios. É mais fácil pensar assim do que descobrir que um pai ou padrasto está abusando da criança ou adolescente. Em outras situações, pode acontecer que os familiares vejam o abuso sexual como algo banal que nada se pode fazer para que não aconteça.

A melhor maneira de lidar com o abuso sexual é sempre conversar com os nossos filhos, fazendo com que eles se sintam à vontade conosco. No caso da Talita, ela falou com a mãe o que estava acontecendo. Mas nem sempre isso acontece. Às vezes quem abusa usa chantagem ou ameaças verbais para conseguir satisfazer seus prazeres e fazer com que a criança ou adolescente não conte nada a ninguém.



Também é importante não confundirmos o abuso sexual com expressões de carinho. Fazer carinho ou beijar não é necessariamente um abuso sexual. Vai depender de como se faz o carinho ou como se beija e qual parte do corpo que está sendo acariciada ou beijada.

Ajudar uma criança ou um adolescente abusado sexualmente é uma tarefa bastante delicada. Não devemos tomar nenhuma atitude precipitada. É preciso que tenhamos uma certa calma para lidar com essa violência. Antes de qualquer coisa, é importante que quem sofreu o abuso seja acolhido e amparado por nós. Devemos ouvir com atenção o que está sendo contado pela menina ou pelo menino, demonstrando interesse, evitando mostrar ansiedade e deixando claro que está se acreditando nele. Durante a conversa, devemos utilizar as mesmas palavras que a criança ou o adolescente usa para se referir a partes do corpo.

Sabemos que nem sempre é fácil fazer isso. O abuso sexual mexe tanto conosco que, às vezes, não conseguimos nem falar dele. Outras vezes, os crianças e adolescentes ficam com medo de falar sobre isso e serem agredidas por quem pratica esse tipo de abuso ou têm medo de prejudicar outras pessoas. Mas é importante sabermos que sempre é possível para a criança e para o adolescente *superarem* o abuso, e que para isso, ajuda muito se a família for capaz de conversar sobre o problema e de pedir a ajuda de profissionais.

Não devemos ficar parados diante desse tipo de violência. Ficar de braços cruzados, fingir que nada está acontecendo, além de ser um crime, é um ato tão violento quanto o próprio abuso sexual. Para a proteção das crianças e dos adolescentes abusados, temos que enfrentar essa situação de frente.

Para enfrentarmos isso, talvez precisemos da ajuda de profissionais preparados para tal tarefa ou de pessoas ou grupos que trabalham para que a violência contra a criança e o adolescente não ocorra. Sempre é bom sabermos a quem recorrer quando descobrirmos um abuso sexual contra os nossos filhos ou contra os filhos de outras pessoas. Nós podemos procurar professores, médicos, assistentes sociais, enfermeiras ou psicólogos para nos ajudar. Devemos também procurar diretamente o Conselho Tutelar da nossa cidade. Quando o Conselho não existir na cidade, podemos procurar qualquer autoridade da Justiça. O importante é proteger a criança ou o adolescente que sofre o abuso sexual.



Como reconhecer que uma criança ou um adolescente está sendo vítima de violência sexual?

É importante observarmos se as crianças ou os adolescentes manifestam algum comportamento diferente. Às vezes, uma criança ou um adolescente abusado sexualmente pode ficar quieto ou agitado demais. Pode ainda ter dificuldade para dormir, ter comportamento autodestrutivo, sentir dores ou ter muita irritação nos órgãos sexuais e na região do ânus, ter machucados no corpo, ter sangramentos, ficar muito rebelde, ter medo de alguém ou se isolar. Pode comentar detalhes da prática sexual ou demonstrar uma atitude muito sexualizada para sua idade. Mas é importante lembrar que esses comportamentos podem não ser causados pelo abuso sexual. Podem ter outras causas. Por isso devemos ter cuidado em observar o comportamento dos nossos filhos e sempre ouvi-los com atenção e carinho.

Violência no dia-a-dia de crianças e adolescentes com deficiências

Outro dia eu cheguei em casa do trabalho e a Carlinha estava terrível. Quando eu chego ela grita manhêê, que eu escuto de longe, de tanta alegria que ela fica. Ela é apaixonada por mim, eu converso com ela o tempo inteiro. Acho que ela é tão ligada em mim justo porque fica o dia todo na cama, já que não pode andar. Ela também não fala, mas eu entendo tudo que ela quer. Só eu!

Nesse dia, ela queria dormir, estava com o olho fechando... Mas não tinha jeito. Era aquele grito que vai lá nas orelhas.... Ela não queria nada, queria é colo. Botava ela na cama. Buá.., voltava ela de novo a gritar. Só queria denngo.

Eu falei assim: você vai deitar aqui e ficar quietinha porque mamãe tem que cuidar da casa. Ela continuou gritando. E eu paft, paft, nela rapidinho. Uma varadinha na perna de vez em quando é bom.

A safadinha calou a boca e nunca mais ficou com manha. A manha dela acabou assim.

Bete

Não é fácil para nenhum pai ou mãe criar seus filhos, ainda mais quando eles trabalham fora e chegam em casa cansados. A maioria das mães ainda cuida dos filhos, da comida e da casa. Tudo fica mais difícil quando os filhos têm algum *tipo de deficiência ou precisam receber cuidados especiais, dependendo de aparelhos para coisas tão simples como respirar ou andar*. E isso é uma realidade de muitos pais, só no ano de 2000, existiam no Brasil 3 milhões e 300 mil crianças e adolescentes com deficiências.

O sofrimento inicial que os pais sentem quando descobrem que seu filho tem uma deficiência e necessita de cuidados especiais tanto pode prejudicar a ligação da criança com os pais, como servir de estímulo para a união familiar. Mas, em qualquer das situações, a família se reorganiza em torno da criança ou adolescente com deficiência. Ela também se sobrecarrega e há maior exigência de atenção dos pais e dos irmãos. A vida familiar fica ainda mais difícil quando esta criança não consegue dar resposta à dedicação dos pais. A longo prazo isso se torna muito frustrante e ajuda a desgastar ainda mais o relacionamento familiar.

O gasto econômico também é maior nestas famílias. Os cuidados de saúde e de educação são maiores e exigem não apenas mais recursos financeiros, como também mais tempo dos adultos para



levar a criança ou adolescente aos serviços que podem ajudá-los no seu desenvolvimento. Quando não se têm muitos recursos financeiros, a situação fica mais complicada ainda.

Todos essas situações facilitam que crianças e adolescentes com deficiências e que necessitam de cuidados especiais sejam muitas vezes vítimas de acidentes e violências, seja na própria família ou na escola que freqüentam.

Os acidentes nos filhos com deficiência mental podem ocorrer porque eles percebem menos os perigos e têm mais dificuldade

em se protegerem. Entre aqueles sem visão, a capacidade de se proteger é menor e é mais difícil se adaptar aos lugares. Crianças e adolescentes deficientes auditivos têm menor estado de alerta e se defendem com menos rapidez em situações perigosas.

Os acidentes também são preocupantes nos que têm problemas para andar ou se mexer. É mais comum as crianças e adolescentes que conseguem se movimentar se envolverem em situações perigosas. Os que têm problemas físicos graves, é mais difícil que sofram acidentes, já que são incapazes de movimentação que os coloquem em risco de se machucarem. Nesses casos, os pais e outras pessoas que cuidam destas crianças e adolescentes é que podem, mesmo sem querer, provocar os acidentes.

As crianças e adolescentes com deficiência precisam receber *respeito* e não caridade ou pena. Serem olhados como pessoas com limitações e *potenciais*. As famílias que lidam com elas são especiais e valorosas. Muitas delas conseguem lidar com as inúmeras dificuldades de forma a crescerem em harmonia e companheirismo. Nos momentos de tristeza aprendem a esperar e a criar condições para que as coisas melhorem mais para adiante. Vivendo e aprendendo, junto com aquele filho que tanto ensina.



Como reconhecer que uma criança ou um adolescente com deficiência está sendo vítima de violências?

É muito difícil perceber quando acidentes podem ser, na verdade, alguma forma de violência. Pais que trabalham fora, muitas vezes, se preocupam com os “acidentes” relatados pelas pessoas que passam o dia todo cuidando de seus filhos. “Acidentes” que se repetem muito e a reação dos filhos às pessoas que cuidam deles são sinais de que por trás dos acidentes pode estar acontecendo uma situação de violência.

A violência que atinge essas crianças e adolescentes com deficiência não se distingue da que sofrem as demais crianças e adolescentes.

As violências física e psicológica, as duas formas mais frequentes de abuso, também podem ser observadas em todos os tipos de crianças e adolescentes que necessitam de cuidados especiais. Quando nossos filhos sofrem essas formas de violências, podem reagir com medo exagerado de algumas pessoas, terem receio de voltar para casa ou ir para o lugar em que sofreram algum abuso. Eles podem começar a ter, de repente, dificuldade para dormir ou comer, ou ainda regredirem no seu desenvolvimento.

Outras coisas que também podem acontecer são: alteração muito rápida do humor, vontade de se manter isolado, desânimo ou

agressividade muito grandes, não explicáveis pela deficiência. Famílias que percebem reações como estas e acham que estes filhos podem estar passando por algum tipo de violência, precisam buscar ajuda, pois muitas vezes é muito difícil pensar claramente sobre o problema quando a pressão da vida e as obrigações com o trabalho e a família são muito grandes.

A *negligência*, por sua vez, pode estar mais presente porque os filhos com deficiência demandam uma atenção muito mais intensa. Os filhos com limitações para se movimentarem, que são muito dependentes, podem ficar desnutridos sem que isto seja o esperado, diferente do que se observa nos outros irmãos. Também servem de sinais de que está havendo negligência: o pouco cuidado com as roupas que essa criança ou adolescente usa, com as vacinas, com o aprendizado da fala e com a própria evolução da deficiência. Pode haver ainda pouco interesse em procurar ajuda para o filho ser mais independente como, por exemplo, ter sua cadeira de rodas ou muletas. Muitas vezes, mesmo os profissionais de saúde e educação que atendem estas crianças e adolescentes se mostram negligentes, não percebendo suas necessidades e nem orientando e apoiando as famílias no cuidado de seus filhos e na busca de recursos do governo e comunitários, difíceis de conseguir.

As crianças e adolescentes, principalmente quando têm deficiência mental, podem ser alvo de *abuso sexual*. Muitos pais acre-

ditam que seus filhos estão a salvo deste tipo de violência porque as pessoas acham que eles são dignos de pena ou porque elas não têm sexualidade. Também acontece dos pais pensarem que seus filhos com deficiência não têm desejo sexual, então não conversam sobre o assunto nem dão a proteção adequada.

Dependendo do grau de deficiência mental dos nossos filhos, eles desenvolvem desejos e curiosidade sexual, de acordo com a sua fase de desenvolvimento. Muitas das vezes os pais preferem acreditar que eles são eternas crianças, ignorando que seu corpo mudou e seus interesses também mudaram. Assim, não orientam seus filhos para esta nova fase da vida.

Além dos sinais já ditos sobre as outras formas de violência, podemos suspeitar que algum tipo de abuso sexual está ocorrendo quando a criança ou adolescente apresenta resistência à higiene, medo exagerado à presença de alguém que a lembre do abuso ou de pessoa de determinado sexo, ou mesmo quando mostra comportamento sexual muito adiantado para sua idade ou nível de entendimento.

Quando a criança ou adolescente confia e depende da pessoa que abusa dela, essa violência pode durar por muito tempo. Essa situação pode também se prolongar porque muitas pessoas não acreditam quando a criança ou adolescente conta sobre a violência sofrida.

Conversando a gente se entende

Quando a gente conversa com as pessoas, aprende a lidar com opiniões diferentes. Às vezes ouvimos coisas que nos ajudam a ver o problema de uma maneira bem diferente e até mais fácil que o modo como estávamos encarando a situação.

Ou então, podemos ouvir a opinião dos outros e discordar dela. Mas, mesmo assim, enquanto conversamos vamos organizando as coisas na cabeça da gente. Guardar sempre os problemas dentro da gente é uma das maneiras mais rápidas de se ficar doente e de não conseguir superar as dificuldades que a vida nos traz.

Conversando na família – como colocar limites sem violências

Educar filhos não é nada fácil. Mesmo as pessoas que tiveram muitos filhos e têm muita experiência sabem que não existe receita alguma. Cada um tem uma personalidade. Além disso, cada filho vai reagir de um jeito diante da forma que é tratado por seus familiares.

Os pais, avós e familiares ensinam crianças e adolescentes a respeitarem regras, a reconhecerem os direitos dos outros, a serem justas, a saberem que têm direitos, mas também têm deveres.

Um filho que não aprende estas coisas se torna uma pessoa egoísta, mandona, não sabe conviver nem respeitar os outros, não sabe lidar com as dificuldades da vida, não sabe ou não dá importância para o que é considerado certo ou errado.

Colocar limites para os filhos é realmente muito importante. Isso pode fazer com que sintam que alguém se importa com eles e que esta pessoa tem segurança e maturidade para levá-los a entender estas coisas. Faz a criança e o adolescente perceberem que nem tudo que eles querem eles podem ter, e isso é um aprendizado importante para a vida toda. Faz compreender que nem todos os seus desejos podem ser realizados e que os outros também têm suas vontades e seus direitos, e isso faz com que os filhos vejam que as pessoas devem ser respeitadas. Nesses momentos eles aprendem a lidar com suas frustrações.

Mas, ensinar a criança e o adolescente a respeitar limites não é fácil. Muitos pais não sabem como fazer isso sem apelar para a agressão física, para gritos e xingamentos. Na verdade dessa forma não ensinam de fato à criança e ao adolescente a refletirem sobre o que podem ou que não devem fazer. Eles apenas aprendem que certas

coisas irritam muito aos seus pais, mas não entendem que é a sua atitude que deve ser pensada e quais as conseqüências de seus atos.

Então como colocar limites sem violências?

Pediatras, educadores, psicólogos e outros profissionais que estudam a educação de crianças e adolescentes indicam uma série de ações que se mostram bem eficazes nesta tarefa.

A primeira delas é falar sempre em tom firme. Isso não quer dizer que a pessoa deva gritar ou ser bruta. Falar de modo firme é explicar de maneira bem clara e direta para a criança ou adolescente, os motivos daquela proibição ou ordem. Se os adultos não demonstram firmeza e tranqüilidade, se mostram dúvidas, eles vão insistir, vão tentar fazer com que o adulto ceda aos seus desejos. Claro que uma criança com mais idade e um adolescente podem entender melhor as coisas. Uma criança muito nova tem pouco entendimento, mas mesmo para uma criança de um ano é possível dizer: “não mexa aí porque vai fazer dodói”.

Os filhos percebem se os pais estão em dúvida ou inseguros no que falam. Os pais têm que ter coerência no que falam para que os filhos aceitem os limites colocados. Então proibir ou ordenar uma coisa e depois mudar de idéia pode fazer com que os filhos pensem: - eles não estão tão certos sobre isso e se eu insistir bas-

tante eles podem mudar de idéia. Então é importante que se evite voltar atrás nas decisões que você tomou em relação a eles. Claro que às vezes cometemos erros e o melhor é realmente voltar atrás, mas se isso acontecer toda hora, os filhos percebem a indecisão e perdem a confiança na orientação dos pais.

Muitas vezes isso nem sempre é possível de se manter. Especialmente se um dos pais dá uma ordem e o outro tira a sua autoridade, dizendo o contrário. Um proíbe alguma coisa e o outro vai e permite e ainda diz para o filho que quem manda é ele e que o outro não entende nada. Nessa disputa para ver quem manda mais, a criança ou adolescente fica sem saber a quem obedecer. Aprendem ainda a manipular os pais. Diante de uma recusa do pai, ameçam falar com a mãe, pois ela vai deixar. Fazendo a mesma coisa quando é a mãe que proíbe. Começam a jogar com os dois, dizendo que gostam mais do pai quando é a mãe que proíbe e o contrário quando é o pai que coloca limites a sua vontade. Isso indica que é importante o pai e a mãe, ou as pessoas que cuidam diretamente deles, entrarem em acordo quando forem tomar decisões.

Proibir uma coisa que os filhos querem muito pode deixá-los tristes, até com raiva e é preciso saber lidar com estas reações. Alguns pais ficam com muita pena e até remorso, não querem ver seu filho triste ou sofrendo. Outros se sentem inseguros e têm medo que o filho

deixe de gostar deles. Alguns pais não sabem que dar limites é uma prova de amor. Aí acabam afrouxando as regras, voltando atrás. Receber um não sempre dói, mas é um aprendizado importante. Falar para a criança ou para o adolescente que sabe que ele está triste ou com raiva, mas que o que foi decidido foi para o bem dele e demonstrar os motivos desta decisão ajudam muito. Ele pode até querer dar uma resposta, reclamar, mas passa a aceitar melhor o limite colocado. Pouco a pouco também aprende a mostrar o seu lado, a defender o porquê quer aquilo. Isso é uma habilidade que precisa ser vista com bons olhos pelos pais. Isso é sinal que ele está aprendendo a defender, com argumentos, com a conversa, os seus interesses.

Dar algumas opções de escolha pode ajudar a que aquele limite seja mais aceito pelos filhos. Ensina que eles podem encarar as coisas com outros olhos, achando alternativas. Por exemplo, se querem ir brincar na rua num dia de chuva, o pai pode dizer: “Olha você não vai sair porque está chovendo e você pode ficar doente. Você pode ver desenho ou um filme na tv ou brincar de desenhar. O que você prefere?”

As crianças e os adolescentes no dia-a-dia fazem várias coisas que nós consideramos erradas e que precisamos corrigir. Mas ao apontar seus erros, é preciso mostrar a situação correta e não colocar a culpa neles. Se larga os cadernos da escola em qual-

quer canto, por exemplo, a mãe pode lhe dizer que o material escolar precisa ser tratado com cuidado, e não com relaxamento, senão ele estraga e o filho não vai ter onde estudar. Infelizmente alguns pais reagem a esta situação xingando o filho de relaxado, e ele vai se convencendo disso e passa a repetir este comportamento. A forma como os pais enxergam seus filhos pode influenciar na formação da personalidade deles.

Permitir à criança e ao adolescente participarem dos problemas e das decisões da família pode ajudá-los a se tornarem mais responsáveis e compreensivos. Se, por exemplo, a família está passando por dificuldades financeiras os pais podem falar sobre isso de um jeito que os filhos entendam e ajudem a pensar em formas de economizar nas despesas.

Estas são algumas formas de colocar limites sem apelar para violências, mas no dia-a-dia novas situações nos trazem dúvidas. Nem sempre sabemos as melhores respostas e o que é o melhor para que nossos filhos cresçam e se tornem adultos com mais chances de serem pessoas felizes. Então precisamos dividir nossas dúvidas e experiências, precisamos também conversar com outros pais. Pais que conversam e negociam as normas da família com os filhos fazem com que elas se tornem mais claras e mais fáceis de serem cumpridas por todos.

Conversando na vizinhança – trocar experiências com outros pais

Conversar com outros pais que já passaram ou estão passando pela mesma fase da criação dos filhos é algo muito positivo. Dividir as dúvidas, ouvir as histórias das situações difíceis, pedir opiniões, trocar idéias ajuda ao pai ou a mãe a saber que não é só ele ou ela que passam por isso. Primeiro nos mostra que não é só a gente que tem dúvidas. A realidade do mundo atual nos traz situações que nossos próprios pais não enfrentaram. Os perigos que nossos filhos enfrentam hoje são diferentes e as formas que precisamos encontrar para protegê-los, sem isolá-los do mundo, sem colocá-los numa gaiola é um desafio. Então dividir essas angústias com alguém é um apoio e tanto.

Isso não quer dizer que devemos “ir pela cabeça dos outros”. Podemos chegar à conclusão que o que é bom para uma pessoa pode não ser bom para nós. Se uma mãe diz que resolve a desobediência de seu filho com a palmada, podemos levar outras idéias de como educar sem violência. Nesse caso, quem está em posição de ajudar somos nós, e não estas outras pessoas que pensam que agir com violência educa.

Ter com quem desabafar, com quem falar os problemas diários da criação dos filhos nos ajuda a evitar o isolamento, a criar um



grupo de apoio para os momentos difíceis e para dividir as alegrias que nossos filhos também nos trazem.

Entretanto algumas dúvidas podem não encontrar respostas ou um certo problema pode ficar muito pesado. Então devemos buscar a ajuda de um profissional.

Conversando com profissionais – recebendo apoio e orientação

Dois tipos de profissionais podem ajudar muito aos pais diante de dúvidas e problemas na educação dos filhos: são os profissionais da educação e os profissionais da saúde.

Conversar com professores ou com orientadores pedagógicos da creche ou escola de seus filhos pode ser de grande ajuda para compreender as reações deles, como eles são tratados pelos colegas e como eles os tratam, além das dificuldades que os filhos encontram para aprender. Os pais podem receber sugestões sobre a melhor forma de ajudar os filhos a superarem problemas. Pode ainda ajudar a compreender melhor como as outras crianças e adolescentes de sua idade costumam se comportar e como lidar com isto.

Conversar com o pediatra, que é o profissional de saúde que acompanha a evolução de nossas crianças e adolescentes, pode ajudar a entender melhor as diversas fases do seu desenvolvimento físico e emocional. O pediatra pode apoiar a família, informando, tirando dúvidas sobre o que os filhos são capazes de fazer sozinhos e o que não conseguem em certa idade. Isso ajuda muito a não esperar ou exigir coisas que a criança e o adolescente ainda não estão preparados para fazer.

O psicólogo ajuda a entender os relacionamentos familiares e as conseqüências emocionais para crianças e adolescentes de algumas atitudes que nós adultos tomamos. Ele ajuda a compreender melhor como que certa atitude de uma pessoa acaba influenciando o comportamento dos outros membros da família.

Este profissional auxilia ainda aos pais a encarar melhor certos problemas ou traumas de sua própria infância, e assim ver outras formas de tratar os filhos.

A assistente social pode identificar formas de apoio social e maneiras para que a criança, o adolescente e os familiares tenham acesso a certos direitos, ajudando a que se estabeleça um ambiente mais saudável.

O importante é não ter vergonha de falar sobre as suas verdadeiras dúvidas. Os profissionais foram preparados para fazer este trabalho e com certeza vão ficar motivados em ajudar. Além disso, é seu direito como cidadão ser ouvido com atenção e respeito e é dever dos profissionais de saúde e da educação prestar este atendimento.



E se você precisar de ajuda?

Muitas vezes, diante de situações de violência não nos sentimos seguros para tomar uma decisão ou para buscar informações. Para enfrentar estes problemas e retomar nossa vida, precisamos contar com muitas pessoas e com o apoio de alguns serviços. Precisamos do apoio da família, da escola, dos serviços de saúde, dos vizinhos e dos amigos. Nossa família também precisa ser apoiada para resolver alguns problemas que podem estar contribuindo para a situação da violência (problema de alcoolismo, por exemplo). Ninguém consegue viver sem contar com outras pessoas. Saber pedir apoio faz com que a vida se torne mais leve.

Não é fácil reconhecer que precisamos de ajuda. Mas não há ninguém no mundo que possa resolver todos os seus problemas sozinho. Compartilhar com alguém ou com um grupo muitas vezes nos faz ver que há uma saída para as nossas dificuldades. Muitas famílias se sentem envergonhadas em falar sobre a violência que acontece em suas casas. Outras vezes, têm medo de falar sobre o assunto. No entanto, falar sobre essas questões e

procurar ajuda pode servir para proteger a saúde das crianças e dos adolescentes e para a família superar certos problemas.

Em caso de violência familiar, nós podemos contar com certas pessoas e instituições que estão próximas de nós, unindo forças para resolver o problema que estamos enfrentando. Esse grupo de ajuda pode ser formado por familiares, vizinhos, pessoas amigas, colegas de trabalho, professores, profissionais de saúde e o Conselho Tutelar.

Contar com esse grupo de pessoas e serviços é importante para ter apoio em situações de perigo, riscos ou acidentes. Algumas vezes achamos que isso só acontece na nossa família, mas quando conversamos com outros pais ou com profissionais percebemos que isso pode acontecer com qualquer um. Então dividimos os nossos medos, inseguranças e dúvidas.

Podemos contar ainda com os profissionais e funcionários de instituições. Eles podem nos dar uma atenção especial, orientação e informação. Temos o exemplo da *escola*. Os professores são pessoas preparadas para tratar de assuntos sobre crianças e adolescentes. Portanto, sua contribuição é essencial para proteger os direitos da criança e do adolescente. Os professores conhecem bem os nossos filhos, pois eles passam boas horas do dia na escola. Eles podem nos dar dicas de como educá-los sem violência.



Os pediatras e demais profissionais da saúde, que trabalham nos *consultórios, ambulatorios, postos de saúde e hospitais* têm um papel importante e devem ser um apoio aos pais. Nestes lugares os profissionais sabem do que as nossas crianças e adolescentes precisam para crescer com saúde. Eles auxiliam fazendo o diagnóstico se a família tem dúvida se a violência ocorreu ou não. O pediatra, com a colaboração de outros profissionais, por exemplo, pode diagnosticar se a criança foi vítima de qualquer tipo de violência (física, psicológica, sexual ou negligência), examinando, solicitando exames, tratando, encaminhando e ouvindo com atenção a história trazida pela família e pela possível vítima de violência.

Os profissionais de saúde orientam sobre como agir para proteger a criança e o adolescente. Caso seja necessário podem tratar da parte psicológica dessa criança ou adolescente e também de seus familiares.

Assim como os professores, os profissionais dos serviços de saúde entram em contato com o Conselho Tutelar da cidade para garantir que a criança tenha seus direitos respeitados e sua família orientada.

Em alguns casos de violência de alguma família vizinha ou da nossa comunidade, devemos notificar o *Conselho Tutelar*, até mesmo de maneira anônima, sem dizer quem está denunciando a violência. Como já foi dito, o Conselho Tutelar é um órgão encarregado pela comunidade de proteger os direitos das crianças e dos adolescentes. A pessoa que irá te receber no Conselho Tutelar estará lá para lhe atender e aconselhar sobre o que melhor precisa ser feito para o bem estar deles. Quando não há um Conselho Tutelar na cidade, podemos comunicar o ocorrido ao Juizado da Infância e da Adolescência (que é o órgão da Justiça que defende os direitos das crianças e adolescentes). É a melhor saída para resolver o problema. Isso é importante para garantir que a criança não sofra novamente.

Nem sempre ao buscarmos ajuda, o resultado é positivo. Assim como as pessoas falham, as instituições podem também falhar.

O importante é sabermos que temos o direito de encontrar apoio. Esse direito está escrito na lei que protege as crianças e os adolescentes: *o Estatuto da Criança e do Adolescente*. Também a *Constituição do Brasil* garante a mesma coisa. O que acontece é que ainda não estamos habituados a reivindicar os nossos direitos.

Como vimos, prevenir e tratar os problemas que andam juntos com a violência exige a união de diversas pessoas e lugares para aumentar as chances de resolver os problemas. Você, pai e mãe, são as pessoas mais importantes. É difícil e doloroso tentar resolver sozinho: família, escolas, serviços de saúde, Conselhos Tutelares, *todos podem contribuir*. Cada um tem um papel importante e cada um deles ajuda a garantir a saúde dos filhos e da família como um todo. Devemos pensar como se fosse um mutirão, buscando o melhor para todos nós.

Fechamos este livro contando a violência vivida por Rafael e o apoio que encontrou em várias pessoas e serviços, mudando para melhor sua vida ainda tão curta.

Rafael tinha um ano e meio. Foi internado no hospital com uma costela quebrada e uma pequena hemorragia no fígado. Os profissionais logo suspeitaram da possibilidade de

ter ocorrido uma violência contra o menino. A assistente social e a pediatra conversaram com a mãe que tinha 20 anos. Ela confessou que o padrasto do garoto às vezes perdia a cabeça e espancava o menino “porque ele era muito chorão”. No mesmo dia o padrasto foi visitar o menino. Então a enfermeira, chefe de plantão, conversou com ele sobre o que ocorreu. Ele, muito nervoso, disse que gostava do garoto, mas tinha problemas com drogas e aí ficava muito agressivo. Os profissionais do hospital notificaram ao Conselho Tutelar. Os conselheiros visitaram a casa da família, que era muito pobre. Os vizinhos mais próximos se comprometeram a olhar se o padrasto continuaria sendo agressivo. Conversando com toda a família, foi resolvido, em comum acordo, que os avós da criança cuidariam dela por uns tempos, até que sua mãe e padrasto reorganizassem suas vidas. O padrasto foi encaminhado para um tratamento, mas abandonou tempos depois. A criança continuou morando com os avós e também continuou a ser atendida pela equipe do hospital. A mãe ia nas consultas e pouco a pouco foi assumindo cada vez mais o cuidado de seu filho. Um ano depois ela se separou do companheiro.

A história de Rafael, mostrou que outras pessoas da família, os vizinhos, o serviço de saúde e o Conselho Tutelar (formando uma verdadeira rede) se uniram para pensar uma forma de proteger o menino. Certamente que alguns momentos foram muito difíceis, inclusive existindo algumas desavenças entre as pessoas que queriam ajudar a resolver a situação. Nesses momentos, é preciso “respirar fundo” e negociar, sempre tendo em mente que precisamos, em primeiro lugar, proteger a criança e o adolescente, apoiando a sua família para que ela possa se reorganizar, deixando de lado a violência.

Usar a rede de apoio é, muitas vezes, transformar a vida e o futuro dos nossos filhos e de nossas famílias. Isso pode permitir encontrar outros caminhos para a convivência familiar, nos ajudando a superar verdadeiramente a violência.



Referências

Assis, S.G. & Avanci, J.Q. *Labirinto de Espelhos. A formação da auto-estima na infância e adolescência*. Coleção Criança, Mulher & Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2004.

Bastos, O. & Deslandes, S.F. *Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica*. Revista Ciência e Saúde Coletiva (no prelo).

Brasil. *Política Nacional de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violências*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001

CRAMI. *Refletindo a Educação de Filhos*. São José do Rio Preto: CRAMI, s/d.

Garbarino, J; Guttman E.; Seeley, J.W. *The Psychologically Battered Child*. San Francisco: Jossey – Bass Publishers, 1986.

Lima, C.A coord et al. *Violência faz mal à saúde*. Brasília. Ministério da Saúde, 2004.

Ministério da Saúde. *Notificação de Maus-Tratos contra Crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde. Um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Prefeitura Municipal de Florianópolis. *Viver sem Violência*. Florianópolis.1996.

Ramos, E. *Em criança não se bate*. Projeto Proteger, UNICEF, CESE, Fórum de Defesa dos Direitos da Criança e adolescentes da Bahia. Sem data.

Secretaria da Política de Assistência Social de Recife. *Abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Vamos falar sobre isso*. Recife: Prefeitura de Recife, 2001

Sociedade Brasileira de Pediatria. Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli. Ministério da Justiça. *Guia de atuação frente a maus-tratos na infância e na adolescência*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria. 2001.

Contatos:

SBP

Rua Santa Clara, 292
Copacabana - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22041-010 Tel (21) 2548 1999
www.sbp.com.br

CLAVES

Av. Brasil, 4036, sala 700
Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ
CEP 21040-361
www.claves.fiocruz.br



Este livro foi produzido no Rio de Janeiro, em julho de 2005.
Impresso pela Daugraf Editora Ltda. Tiragem 95.000 exemplares.
A composição empregou as tipografias Matrix e Myriad.
O papel utilizado é couche matte 115g/m² (miolo) e 230g/m² (capa).